

**AUTOR: ABRAÃO BATISTA**

# O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara



**3a. Edição**

**Xilogravura do Autor**

Autor: ABRAÃO BATISTA

# O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara

Agora caro leitor  
me ouça com atenção  
vou contar uma estória  
de causar admiração  
já que você não ouviu  
uma com mais precisão.

Antes de entrar no fato  
vou começar do começo  
desenrolando a meada  
pra não ficar no avesso  
porque estive presente  
contar melhor desconheço.

Foi no último ano bissexto  
do ano de sessenta e oito  
que se deu o acontecido  
não muito longe denoto  
mas como sou testemunha  
um conto deste anoto.

Na serra da Ibiapaba  
que hoje é muito falada  
lá existe uma certa gruta  
que nunca foi desbravada  
por isso é ponto turístico  
pra onde vai toda estrada.

A cidade de São Benedito  
fica em cima da serra  
e por baixo dessa cidade  
se afunda a gruta na terra  
se infiltrando chão a dentro  
que só entra quem não berra.

A gruta é muito profunda  
e começa numa ladeira  
escondida, quase oculta  
sob árvores de madeira  
quem passa sem atenção  
diz que tudo é brincadeira.

Por um ato de bravura  
e governo federal  
transformou aquilo tudo  
em um horto florestal  
evitando que insensatos  
provoquem o maior mal.

Para o povo que não sabe  
a gruta é só turismo  
mas, cá entre os botões  
e com todo o humanismo  
a gruta do Ubajara  
é encantada, e abismo.

Primeiro vou relatar  
o que lá se pode ver  
pra depois ir começar  
a estória, podes crer,  
duma princesa encantada  
em um pássaro de Paquer.

A gruta é muito grande  
oras estreita, oras imensa  
há vezes que a pessoa  
fica sem fôlego, e pensa  
que a parede úmida e fria  
não deve ser muito extensa.

Existem salas enormes  
que dão frio e dão visão  
uma sala do chuveiro  
e outra sala do trovão,  
um corredor que termina  
com um rio na escuridão.

Tem a sala das rosetas  
qualquer pedra é encantada  
dentro, se as vê coloridas  
mas lá fora não é nada  
o freguês vendo essas cousas  
fica com a mente truncada.

Tem uma sala muito grande  
que é a sala do chuveiro  
o moço entrando ali  
se depara com um cruzeiro  
feito numa pedra grande  
como se fosse maneiro.

Existe outra sala que tem  
na pedra, feita uma moça  
que passados muitos anos  
conserva a imagem, ouça  
é um conjunto fabuloso  
de beleza mística sem joça.

Dizem que esta gruta  
muita gente escondeu  
de perseguições passadas  
e por lá mesmo morreu  
por entrar de chão a dentro  
sem ter visto a luz do céu.

As vezes o visitante  
tem que se agachar bem  
porque a gruta se estreita  
quase passagem não tem  
mas noutras partes, eu digo:  
passa carro e passa trem.

Numa sala que tem dentro  
da gruta misteriosa  
o freguês solta foguetes  
e ele sobe sem prosa  
espocando sem bater  
no teto preto da losa.

Noutros cantos se fica  
sem conter a respiração  
parecendo que a terra  
esmaga o peito no chão  
e se o cabra for fraco  
vê parado o coração.

Se o negro for medroso  
se perde no labirinto  
nas entradas e nas saídas  
da grande gruta, não minto  
que parece ser capricho  
dos gênios do infinito.

Depois de se penetrar,  
vários quilômetros então  
se depara com um rio  
no meio da escuridão  
aí é que o cabra mostra  
se é mesmo valentão.

Não se sabe de onde vem  
ou pra onde vai o rio,  
mas quando se toca na água  
se sente um calafrio  
duma água pura e serena  
e dum vento forte e vadio.

Não há quem tenha coragem  
de penetrar nesse mar  
com a escuridão imensa  
com silêncio a cantar,  
deixa o visitante tonto  
com vontade de chorar.

Tudo isso é encantado  
para quem for visitante  
pois o segredo está  
a setenta metros adiante  
onde tem uma fera horrenda  
com forças de elefante.

Para o sujeito notar  
os segredos que eu contei  
é preciso ser humano  
ter justiça e ter lei  
não pensar como o profano  
ter fé, ter força — eu sei.

Nesta gruta tem lacráu  
morcêgo-rampa, também  
tem cobras e crocodilos,  
onças e víboras retêm  
para evitar que estranhos  
apaguem os desígnios do além.

Agora é bom frisar  
que a gruta tem um segredo  
se a pessoa tem maldade  
pode ir, não tenha medo  
pois tudo que ela olhar  
não passa de pedra e breido.

Pois bem, já que aqui  
o leitor compreendeu  
a aparência do Ubajara  
se não, porque não leu  
vou começar a etapa  
por um filho de judeu.

Mustafá era um rapaz  
muito bom, muito bonito  
nascido no Ceará,  
era forte como um granito  
tinha o coração de ouro,  
majestoso era o seu grito.

Nascido no Juazeiro  
do Padre Cícero Romão  
um dia sentiu-se só  
numa cruel solidão  
pediu benção ao pai dele  
para sair pelo sertão.

O seu pai muito o queria,  
a sua mãe, nem se fala  
pois mesmo com nostalgia  
a mãe fez-lhe a mala  
e Mustafá pelo mundo  
saiu como uma bala.

O rapaz com vinte anos  
procurava conhecer  
além do que lhes diziam  
os livros de aprender;  
aproveitando as suas férias  
saiu antes do alvorecer.

Partindo de Juazeiro  
tomou rumo Noroeste  
não temendo a falta d'água  
e os sacrifícios do agreste,  
para ele tudo aquilo  
era um folgado da peste.

Saiu num cavalo, a caminho  
sem ter preocupação,  
quando via campos floridos  
se deitava pelo chão  
aquelas férias para ele  
eram a maior satisfação.

Com dois dias de viagem  
no meio da travessia  
o cavalo se espantou  
e seguir não mais queria:  
era que pertinho dele  
uma onça enorme, rugia!

Mustafá não se abusou  
e desceu da montaria  
puxou do seu revolver  
e fez logo pontaria  
mas a onça era matreira  
deu um pulo de travessia...

Com um pulo que a bicha deu  
foi em cima de Mustafá  
e o revólver do menino  
não sei onde foi parar  
mas ele tinha uma faca  
e uma luta pôde travar.

Quando ele cruzava a faca  
a onça se esquivava  
dava um pulo pra frente  
e Mustafá atracava  
a onça forte e pintada  
que de longe se notava.

O rapaz era ligeiro  
como era o felino  
mas disse pro animal:  
tu hoje tens, assassino  
até aqui tu mataste  
agora toco o teu sino !

Com duas horas de luta  
a pintada também cansava  
e de suor o rapaz  
completamente molhava  
finalmente um golpe certo  
na onça ele cravava.

A onça caiu inerte,  
ligeiro ele a sangrou...  
tirou o couro da bicha  
e ali mesmo espichou,  
da carne, que era gorda  
fez um fogo e almoçou.

E como estava cansado  
ali mesmo adormeceu  
dormiu um sono profundo  
que não viu se anoiteceu  
no outro dia de amanhã  
da onça, inda comeu.

Procurou o seu revólver  
e o cavalo amarrou  
saiu cantando alegre  
que nas colinas ecoou  
o seu canto tão sereno  
que a natureza agradeou.

No quinto dia então  
chegou na Ibiapaba  
e num riacho limpinho  
ele pescou uma piaba  
que foi a sua refeição  
com muitos frutos e mangaba.

Adormeceu ali mesmo  
porque estava cansado  
não tinha medo de nada  
com seu espírito formado  
soltou o cavalo e ficou  
na relva verde deitado.

Quando foi a zero hora  
do dia dois de janeiro  
do ano de sessenta e oito  
acordou-se vendo primeiro  
que iluminava os serrotes  
um misterioso braseiro.

Quando viu aquela luz  
pensou em estar sonhando  
esfregou com forças os olhos  
e viu um pássaro cantando  
levantou-se e atinou  
que a ave estava chamando.

Mustafá porém ao ver  
aquela grande visão  
respondeu-lhe em voz alta  
por que não vens, ó irmão ?  
por aqui nada conheço  
não quero dar tropeção.

O pássaro sem dizer nada  
continuou a voar  
e na altura da serra  
o rapaz disse: vai abalroar !  
porém com poucos segundos  
numa gruta viu-o entrar.

Mustafá disse: que cousa ?  
aquela gruta não notei  
e amanhã bem cedinho  
vou olhar, pois abusei  
uma gruta aqui por perto  
e no relento fiquei !

No outro dia cedinho  
antes de fazer café  
foi até a dita gruta  
pisando pé sobre pé  
para não sofrér surpresas  
pegou o revólver e o quicé.

Quando ele chegou na gruta  
ficou com a mente espantada  
com as rochas estalagrites  
no teto dependuradas  
agradou-se da caverna  
sem saber ser encantada.

Trouxe os seus apetrechos  
e ali sentiu-se seguro  
não sabia que na caverna  
havia perigo no duro  
ademais no ano bissexto  
as feras saíam do escuro !

O ano de sessenta e oito  
justamente correspondia  
com o prazo da pitonisa  
que há muitos séculos, um dia  
transformara por vingança  
o Reino da Alegria.

Agora, caro leitor  
escute de antemão  
o que foi o grande reino  
que existiu no sertão  
numa época antes de Cristo  
nos tempos de Salomão,

E por sinal ainda existe  
os vestígios duma cidade  
no solo do Piauí  
que era o reino da bondade  
mas não houve quem no mundo  
se livrasse da maldade.

Onde hoje é Piauí  
era uma grande nação  
dominava todas ciências  
que tem a imaginação  
o que os livros da história  
fizeram-lhe exceção.

Não consta no catecismo  
desse povo letrado  
o que eu escrevo aqui  
mas desafio o magistrado  
que conteste a narrativa  
do grande povo marcado.

Esse povo que habitava  
nessas terras do sertão  
conhecia a matemática  
como nenhum outro, irmão  
dominava a astronáutica  
já tinha ido a Plutão.

Tinha armas mais secretas  
que, a bomba de hidrogênio  
conhecia o cromossômio  
e muitas ligas de selênio  
nenhum povo do planeta  
superava-lhe o grande gênio.

Automóveis não usavam  
eram peças sem razão  
tinham uns cintos voadores  
mais velozes que avião  
não existiam malfeitores  
nem gente ruim e ladrão.

As leis daquela cidade  
eram peças de museu  
só morriam por velhice  
e iam direito pro céu  
não haviam preconceitos  
nem gente ruim e ateu.

Não tinham casas de barro  
lá tudo era sintético  
a sua alimentação  
era de algo patético  
o amor era o mais alto  
o mais nobre e poético.

O chefe dessa nação  
era homem muito sabido  
sem ser rei ou presidente  
era um cacique querido  
sempre eleito pelo povo  
sem traficância de bandido.

Não existia cadeia  
por não haver precisão  
todo mundo era soldado  
cada um — o cidadão  
que zelava pela pátria  
de grande imaginação.

O cacique tinha uma filha  
chamada Iemanjá  
era a mais bela mulher  
que se podia notar  
ninguém mais do que ela  
como as noites de luar.

Iemanjá era querida  
por toda a população  
pois quando ela passava  
causava admiração  
porque a sua beleza  
chamava sempre atenção.

A formosura da moça  
não havia igual na terra  
nem nos ares, nem no mar  
e nem nos campos da serra  
era como uma exceção  
que a formosura encerra.

Os cientistas do povo  
faziam viagens de fundo  
procurando pesquisar  
do que havia profundo  
nas guerras das sub-raças  
e outros povos do mundo.

Esse grupo de doutores  
a mandado do cacique  
estudava as sub-raças  
das Cordilheiras a Munique  
anotando o conteúdo  
do povo bom no tabique.

Chegando no Oriente  
esse grupo encontrou  
uma pitonisa rara  
como ninguém estudou  
então esta criatura  
pra sua terra levou.

Chegando na nossa terra  
no reino de Iemanjá  
a pitonisa maldosa  
queria logo mandar  
não tolerou a princesa  
e um plano veio a traçar.

Por ser muito vaidosa  
cruel, egoísta e voraz  
conhecer muitos poderes  
queria ter todo cartaz  
por isso mesmo a felina  
armou-se do contumaz

Chegou-se para a princesa  
demonstrando muito carinho  
com a maior espreiteza  
sem mostrar o seu espinho  
foi dizendo para ela:  
servirei no teu caminho.

A princesa com bondade  
pegou a fera pela mão  
explicou para ela mesma  
não ter escravo no irmão  
dizendo ser todos iguais,  
todos nós somos do chão.

O grande cacique, meu pai  
se esforça para ensinar  
aos outros povos da terra  
como se deve governar  
fazendo todas as gentes  
ter um só povo e um só lar.

Como vês, ó pitonisa  
aqui não existe malêade  
todo cidadão trabalha  
e estuda em liberdade  
e má querência e descrença  
nós não nevemos saudade.

Nós não fazemos guerra  
por não haver precisão  
a nossa ciência encerra  
o que causa admiração  
nós conhecemos a matéria  
o espírito e o coração.

Nosso povo desconhece  
e despreza a vã cobiça,  
como vês as nossas casas  
são dispostas sem malícia  
fardas, cadeias e assassinos  
são passado, que não atija.

A pitonisa com jeito  
fez logo que acreditava  
na crença daquele povo  
e pra sua terra levava  
os grandes conhecimentos  
que ali mesmo encontrava.

Podiu para a princesa  
levá-la nos camarins  
para conhecer os segredos  
desses mistérios afins  
copiar tanta bondade  
e levar pro seus confins.

Iemanjá sem ser rogada  
atendeu o seu pedido  
conduziu a pitonisa  
no segredo nunca cedido  
justamente a fórmula exata  
da energia do escondido...

A energia do escondido  
é assim por se dizer  
a força que tem a mente  
que cada um pode ter  
desenvolvendo essa força  
tudo pode acontecer !

A pitonisa observava  
com toda atenção  
escrevendo os detalhes  
nas roupas e na própria mão  
tendo um segredo daquele  
dominava a sua nação.

As duas se recolheram  
terminava a vistoria  
Iemanjá para o seu quarto  
a pitonisa com alegria  
foi planejar o seu golpe  
numa velha estribaria.

De lá com muitos cálculos  
planejou tudo a seu gosto  
roubou do almoxarifado  
um cinto daquele posto  
pois com o cinto na cintura  
voaria sem desgosto.

Em seguida, como já tinha  
da magia conhecimento  
fez soprar uma ventania  
provocando grandes tormentos  
petrificando a cidade  
e encantando os seus rebentos !

Mesmo com a maldade  
do seu peito de mulher  
transformou Iemanjá  
num pássaro de laquer  
para dali a vários séculos  
acontecer o que vão ver.

O Reino da Alegria  
foi todo petrificado  
e na maior agonia  
seu povo todo encantado  
deixando no Ubajara  
o pássaro lindo guardado.

Deixou guardando o encanto  
sete fêras e obstáculos  
que passado tanto tempo  
se não erro nos meus cálculos  
ainda hoje está dentro  
com os segredos e simulácos.

Assentou um testamento  
muito caro e sutil  
dizendo, naquelas terras  
lá pro ano dois mil  
antes disso, uma nação  
terá o nome de Brasil...

E desta nação, gritou  
há de surgir um varão  
que irá desencantar  
a terra da solidão  
o pássaro e a cidade  
deste povo teu irmão.

Porém do encantamento  
só ficará livre também  
se o varão conduzir  
todas as virtudes do bem  
se não o pássaro encantado  
será pros séculos, amém.

Como diz o dito antigo  
que não há crime perfeito  
quando a pitonisa ingrata  
apertou o botão, sem jeito  
ouvlu-se um grande estrondo  
deixando-a sem braço e peito.

Morrendo no mesmo instante  
aquela má pitonisa  
ficou o pássaro gigante  
aguardando a sorte, frisa  
o gênio da natureza  
quando canta, a leva brisa.

Cada ano bissexto  
no dia dois de janeiro  
da gruta se ouvem estrondos  
que ecoam no mundo inteiro  
justamente no período  
que as fêras dormem primeiro.

Quando as fêras guardiãs  
da Gruta do Ubajara  
fecham os olhos sonolentas,  
uma cousa muito rara  
o pássaro encantado voa  
e a noite densa ele vara.

E voa pelos confins  
cantando na solidão  
amargurado, tristonho  
vítima de uma paixão  
da pitonisa ingrata  
suja e sem coração.

O pássaro voando baixo  
procura entre a campina  
alguém que seja capaz  
de mudar a sua sina  
mas nunca que encontrou  
completando a dura ruína.

Veja, neste ponto, encontro  
o mancebo Mustafá  
quando naquele dia  
viu o pássaro entrar  
na grande gruta esquisita  
cantando triste a chamar.

Isto foi a zero hora  
do dia dois de janeiro  
do ano de sessenta e oito  
desconfiando primeiro  
não quis ir com o pássaro  
por sentir-se forasteiro.

Pela manhã, como já disse  
para a gruta transferiu  
todos os seus apetrechos  
e ali mesmo ele sorriu  
por ver paisagens tão lindas  
como jamais ele viu.

Começou a penetrar  
por aqueles labirintos;  
as rochas estalagmites  
parecendo monstros brincos  
e Mustafá ia e voltava  
descendo e subindo vincos.

Mustafá pensava vendo  
com certa indagação:  
como foi que aquele pássaro  
penetrou neste porão?  
vou ficar hoje na entrada  
não sou de adivinhação.

Mesmo assim ele ficou  
a zero hora marcada  
sem dormir, sem cochilar  
bem no meio da entrada  
daquela gruta esquisita  
como quem espera nada.

Na hora exata do sino  
ele ouviu grande ruído  
e à distância avistou  
o pássaro um pouco ferido  
cantando a sua desgraça  
e sentiu-se logo atraído.

Do mesmo jeito de antes  
o pássaro bonito passou  
sem dar tempo a Mustafá  
que nem sei como passou  
pois na beleza do pássaro  
ele pasmado ficou.

O pássaro passou ligeiro  
penetrando sutil na gruta  
o rapaz saiu correndo  
com aquela carreira bruta  
para ver se alcançava  
o pássaro nessa disputa.

Correu, correu muito tempo  
com toda força do peito  
mas, em certa altura  
deparou-se com o leito  
do rio subterrâneo  
desfazendo o seu conceito.

Parou muito cansado  
e gritou: oh! essa não!  
pois além da desvantagem  
de voar como avião  
tem esse rio agora  
protegendo minha ilusão!

Amanhã te pegarei  
ó pássaro lindo, meu bem!  
vou te levar lá pra casa  
e te dar muito xerém  
dormirás à minha cama  
me digas: vens ou não vens?

No outro dia às mesmas horas  
Mustafá o esperou  
com a maior ansiedade  
que ninguém jamais notou  
e da mesma forma de antes  
o pássaro descortinou.

Mustafá com muito jeito  
preparou um bote alto  
e com um pulo de felino  
agarrou o pássaro no salto  
dizendo: agora meu pássaro  
terminou o sobressalto!

O rapaz ao segurar  
o pássaro de real beleza  
sem se conter de alegre  
deu-lhe um beijo de incerteza  
e naquele mesmo momento  
transformou-se na princesa...

Mustafá estupefacto  
deu um pulo para traz  
— O que é que estou vendo?  
austo desse não se faz  
me digas se és amiga  
se vens de bem e de paz?

A princesa lhe sorriu  
estendendo-lhe a mão  
com a voz suave e doce  
de prender o coração  
foi contando o seu suplício  
causando admiração.

Depois de lhe contar  
toda aquela agonia  
disse para Mustafá  
tudo aquilo que dizia —  
é pouco para o que vem  
depois de nascer o dia.

Mustafá ouvindo aquilo  
tomou logo o revólver  
armou-se da peixeira  
e ela disse: não resolve  
a bondade e a tua fé  
são a causa que comove.

Mustafá não se cansava  
de olhar pra formosura  
daquela linda princesa  
encoberta de candura  
com os lábios de jandaíra  
e a pele de alva brancura.

Os cabelos loiros e sedosos  
como os raios do sol nascente  
os olhos de azul celeste  
de olhar forte e ardente  
no corpo a silhueta  
da mais bonita serpente !

Sentaram-se numa pedra  
os dois como uns pombinhos  
pareciam, não duvido  
com um casal de anjinhos  
desses que estão no céu  
que fazem e soltam carinhos.

Quando amanheceu o dia  
e as feras se acordaram  
dando esturros de trovões  
e o pássaro não notaram  
doram gritos tresloucados  
e pra fora se botaram.

Mustafá disse: é agora  
que encomendo o meu caixão...  
preparou-se sem ter medo  
no meio da escuridão  
mas para sua surpresa  
viu um grande clarão.

Uma luz verde azulada  
saía dum grande olho  
duma féra mais horrenda  
com aparência dum piolho  
de altura de um bizonte  
com dentes de ferrolho.

O rapaz descarregou  
com a maior precisão  
a carga do trinta e oito  
no descomunal dragão  
quando o bicho abriu a boca  
acertando no coração.

Quando a féra caiu morta,  
Mustafá se aproximou  
com sua faca afiada  
o olho dela arrancou  
para servir de lamparina  
e a princesa entregou.

Notou que os dentes dela  
serviam de segurança  
com as duas presas maiores  
fez uma enorme lança  
construindo uma canoa  
com o couro daquela pança.

Nesse momento partiu  
das entranhas da solidão  
centenas de lacraus  
e outros bichos, então  
mas eles vendo o olho mágico  
voltavam em confusão.

Os morcegos e crocodilos  
sobre os quais eu já falei  
quando avistavam o olho  
iam pra onde? — não sei  
quem fosse dono da lâmpada  
para eles era o rei.

A princesa, de antemão  
já tinha lhe orientado  
com as presas adquiridas  
usou-as como machado  
construindo um par de remos  
para ir pro outro lado.

O rio que atravessava  
a imensa escuridão  
era fundo e caudaloso  
nado, não dava não  
só atravessava o rio  
na canoa do dragão !...

Os dois entraram depressa  
na canoa improvisada  
Mustafá remando forte  
pra fugir duma virada  
Iemanjá segurando a lâmpada  
do olho da féra alada.

No meio do imenso rio  
com as águas limpas, azuis  
surgiu uma serpente rôxa  
soltando profundos uís  
o rapaz com aquela lança  
travou luta sob a luz.

A serpente dava botes  
como gibóia danada  
o moço lhe respondia  
com uma profunda pontada  
com os dentes da outra féra  
que já estava estirada.

Com meia hora de luta  
Mustafá pôde então  
furar com golpe certo  
bem no centro do pulmão  
afundando a serpente  
para o fundo do porão.

Com esta vitória pôde  
o rio atravessar  
mas do lado da margem oposta  
tinha outra féra a esperar  
por Mustafá e a moça  
para os dois poder matar.

Mustafá que era sabido  
pulou muito primeiro  
do barco ser encostado  
nas margens, por derradeiro  
do pulo caiu montado  
no dorso do embusteiro.

Com uma faca afiada  
travou famosa luta  
embolando nas areias  
na mais feia disputa  
e só vencia quem tivesse  
mente livre e arguta.

O bicho tinha um aspecto  
de um macaco sizudo  
tinha dois metros e oitenta  
porém muito barrigudo  
com força de dez touros  
sendo zarolho e trombudo.

Mustafá orientado  
pela princesa Iemanjá  
atracou pelo ouvido  
fez sua faca atravessar  
caindo o monstro prostrado  
sem poder se levantar,

Segurando a princesa  
Mustafá, depois da luta  
foi com ela prosseguindo  
por dentro da longa gruta  
encontrando u'a grande área  
onde tinha muita fruta.

Esta área toda coberta  
sem se ver a luz do sol  
era tão iluminada  
como os claros do arrebol  
uma área tão extensa  
tal um campo de futebol.

Tinha manga, tinha laranja  
maçã, uva, jaboticaba  
abacate e abacaxi  
marmelo, lima e mangaba  
puçá, figo e tanjerina  
e outros frutos e goiaba.

E Mustafá se lembrou  
dos conselhos que a moça deu —  
não tocasse naqueles frutos...  
e nenhum fruto comeu  
sentou-se entre as folhagens  
e o colo ofereceu.

Iemanjá deitou-se na relva  
com a cabeça no colo  
do valente Mustafá  
que parecia Deus Apolo  
sob um frio repentino  
de sopra meigo do Eolo,

Quando estavam descansando  
no mais intenso carinho  
apresentou-se-lhes à frente  
um enorme porco espinho  
Mustafá com o revólver  
disparou-lhe no focinho.

Mesmo caído o suino  
ainda pôde expelir  
um espinho do seu couro  
que o braço fez ferir  
o rapaz deu uma risada  
vendo o sangue cair.

Eu pensava que o meu sangue  
era como o sangue de boi  
mas com esta cor assim  
quero saber o que foi  
quando Iemanjá aflita  
perguntou-lhe: isto lhe doi ?

Este verde que tu vedes  
é por causa do veneno  
corra às pressas, vá buscar  
umas gotas do sereno  
não demores vá buscar  
que eu fico no terreno.

Mesmo assim Mustafá fez  
como um raio, ele partiu  
a orientação da princesa  
ao pé da letra seguiu  
sarando aquela chaga  
que o porco espinho feriu.

Ao voltar pra onde estava  
encontrou a sua amada  
olhando para a esquerda  
trêmula e toda pasmada —  
via três grandes monstros  
lançando uma água encarnada.

Mustafá disse: afaste-se  
que eu me lembro como fazer  
extraíu do porco o focinho  
e fez um bambolê  
jogando-o em forma de laço  
para as três feras prender.

Em passos misteriosos  
aquilo tudo foi feito  
o que era encantado  
agora tudo desfeito  
só faltava a cidade  
pra ele ser o eleito !

Iemanjá com alegria  
abraçou o Mustafá  
depois de tanta agonia  
só tinha que se alegrar  
dizendo: agora, meu filho  
nós podemos descansar.

Amanhã nós prosseguimos  
atravessando toda a gruta  
do outro lado da serra  
é minha cidade — escuta,  
depende de tua coragem  
o resto desta disputa.

No outro dia se acordaram  
ouvindo um reboliço  
era enfim se acabando  
da pitonisa o feitiço  
apressaram os seus passos  
para atingir o maciço.

Atingindo o outro lado  
da gruta sem ter igual  
avistaram uma espaçonave  
do espaço sideral  
esperando já por eles  
com toda corte real.

O capitão da nave estranha  
disse para Mustafá  
beba este copo d'água  
para você aguentar  
o arranque deste trem  
quando a nave disparar.

Mustafá sem meditar  
bebeu do copo e caiu  
a cidade e a princesa  
todo mundo se sumiu  
quem quiser que vá olhar  
se não me crer e não viu !

— F I M —

3a. Edição — 2 M. janeiro / 1978

Juazeiro do Norte — Ceará

3466



**INBOPLASA**

Indústria de Borracha  
e Plásticos S. A.

# **Sandálias Cariris**

As sandálias que estão caminhando  
com o Brasil e calçando o seu POVO

Modéstia a parte —

E não tem cheiro...

Rua São José N. 1790

PBX 2529 - 2725

63.180 - Juazeiro do Norte - Ceará